

Os fundadores das Ordens Religiosas: profetas no tempo *

PAULO ABREU

O convite que vos faço é este: tentemos juntos uma pequena digressão pela história para percebermos a verdade do tema que tentarei desenvolver: os fundadores das ordens religiosas foram mesmo resposta profética no tempo em que lhes foi dado existir.

Começarei a digressão pelo século IV d.C., ainda que saiba que as raízes remotas do monaquismo escavam bem mais fundo, lá para os lados da Índia – já no séc. V a.C. –, depois espalhadas por vários desertos – com os Essénios, desde o séc. II a.C., depois ainda para os lados do Egito, junto ao lago Maeris, com os chamados Terapeutas.

Mas há que encurtar caminho, que o tempo urge. Pedimos até desculpa a Jesus por não falarmos do seu celibato, num tempo em que não ter filhos é sinal de maldição. Assim como esperamos ser desculpados pelas primeiras comunidades crentes, animadas por um só coração e uma só alma, generosas no «pôr tudo em comum».

Perdoar-me-ão igualmente muitos fundadores de ordens religiosas por não os mencionar. Quando a riqueza é tanta e o tempo é tão pouco, importa escolher. Na verdade, foquei apenas alguns, e mesmo assim agrupando-os.

* Conferência proferida pelo Autor no Salão S. Frutuoso, em Braga, a convite da FNIRE, em 18 de Novembro de 2001.

Espero, entretanto, que no final se perceba o importante contributo dado pelas ordens religiosas à história da Igreja, conforme o tempo em que cada uma foi chamada à existência, o Espírito a guiar os seus destinos.

Demos então início à nossa caminhada, partindo do século IV.

1. As origens do monacato cristão

Como fenómeno de massas, o monacato surge com a paz de Constantino. Em 313, este Imperador publica o chamado Édito de Milão, concedendo, pela primeira vez na história, plena liberdade ao cristianismo. Os cristãos deixam de ser perseguidos. As conversões ao cristianismo são inúmeras. O próprio Imperador declara-se cristão. O catecumenato – período de preparação para o baptismo – conhece inusitado incremento, caindo pouco depois em flecha. Depressa se passa de convertidos que se baptizam, para baptizados que precisam de conversão.

O aumento da quantidade, portanto, não significou aumento de qualidade. A Igreja foi-se acomodando. O espírito mundano foi-se apoderando dela. Já nesse mesmo IV séc., S. Jerónimo condenava aqueles Bispos que mais pareciam galãs de teatro que pastores de almas. Começam a aparecer os Bispos cortesãos ou palacianos, mais preocupados com a corte do que com o Evangelho.

É curioso, a este propósito, um testemunho de S.to Hilário de Poitiers. Escrevendo no tempo de Constâncio, filho e sucessor de Constantino, magoado com a frivolidade dos bispos e dos cristãos em geral, lembrando com saudade o heróico tempo das perseguições, exclamava:

«Ó Deus todo poderoso, oxalá me tivesses concedido viver nos tempos de Nero ou de Décio...! Pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, eu não teria medo dos tormentos [...]. Ter-me-ia considerado feliz ao combater contra os teus inimigos declarados [...]. Mas agora temos que lutar contra um perseguidor insidioso, contra um inimigo enganoso, contra o anti-Cristo Constâncio. Este apunhala-nos pelas costas, mas acaricia-nos pela frente. Confisca os nossos bens, dando-nos assim a vida, mas enriquece-nos para a morte. Não nos mete na prisão, mas honra-nos no seu palácio para nos escravizar. Não desgarrar as nossas carnes, mas destrói a nossa alma com o seu ouro. Não nos ameaça publicamente com a guerra, mas prepara-nos subtilmente para o fogo do inferno».

Se as perseguições foram para os cristãos dos primeiros séculos um estímulo à vivência plena do Evangelho e à entrega generosa ao Senhor, agora as facilidades conduzem à rotina e ao aborrecimento. A facilidade é irmã gémea da mediocridade.

É neste contexto de mediocridade que desponta e brilha o monacato do IV século. De facto, aparece como reacção, como protesto à degradação do ide-

al cristão primitivo. Os monges não fazem mais do que guardar intacto, no meio das novas circunstâncias, o ideal das origens do cristianismo. No meio de um mundo que já não os trata como inimigos, sentem a necessidade de se comportarem como inimigos do mundo. Por isso fogem dele, protestam contra ele.

Neste contexto, permita-se-nos o destaque a dois protagonistas: S.to Antão e S. Pacómio.

1.1. S.to Antão

Nasce, em data incerta, na aldeia de Queman, hoje Kiman-el-Arus, na margem esquerda do Rio Nilo. Opta pela vida monástica depois de ter ouvido, num domingo, o texto de Mt 19, 21: «se queres ser perfeito vai, vende tudo o que tens...». Durante uns 15 a 20 anos faz a sua aprendizagem ascética junto de um ancião que se tinha entregue à vida monástica desde a juventude. Depois, resolve afastar-se da sua terra natal, fixando-se numa fortaleza arruinada sobre uma montanha, nas proximidades de Pispir. Vive sozinho durante vinte anos, ao fim dos quais - arrombado o taipal - os seus amigos o encontrarão «cheio de Deus». Os «monasterios» - lugar onde habitam os solitários - multiplicam-se em torno da montanha habitada por Antão; os monges consideram-no como seu «pai»; a fama dos seus milagres atrai multidões à porta da sua cela. Resolve então adentrar-se no grande deserto, instalando-se em Tebaide. Para a história ficará como o «pai» do anacoretismo.

1.2. S. Pacómio

O exemplo de Antão entusiasmou muitos. Mas o deserto mostrava-se perigoso. Além disso, levantavam-se outras dificuldades: económicas, de encontrar um bom pai espiritual, de praticar a caridade fraterna...

Aos poucos os anacoretas agrupam-se sob a direcção de um mesmo pai espiritual. O anacronismo cede lugar ao cenobitismo. Neste processo evolutivo, Pacómio desempenha papel de relevo.

Nasce por volta de 292, de família pagã. Começa pela carreira das armas. Baptiza-se em idade adulta, como era normal naquele tempo. Muitos virão ao seu encontro, de tal modo que quando morre, ano 346, existem oito fundações para homens e duas para mulheres e no final do século havia no Egipto mais de 5 mil monges (segundo Cassiano) ou até 7 mil (segundo Paládio).

Pacómio dá importância à leitura e meditação da Escritura.

Sublinham-se as atitudes de serviço, submissão e humildade.

Pede-se uma ascese adequada.

O monge muda de traje para simbolizar a mudança de vida.

A *koinonia* fundamenta-se na pobreza (deixar tudo e viver do comum), na comunidade de vida, de mesa, de trabalho, de oração, de liturgia. A obediência une e mantém coesa a comunidade.

2. No Ocidente cristão

Depois de termos focado dois arautos do monaquismo oriental, é altura de saltarmos para o ocidente cristão. A menção obrigatória vai para Bento de Núrsia.

Nascido em 480, retira-se para a solidão do Subiáco, para levar vida eremítica. Depois de algumas tentativas de organizar em colónias alguns eremitas espalhados pelas colinas vizinhas, abandona Subiáco e funda o Mosteiro de Monte Cassino, em 529, que se tornará o modelo de monaquismo ocidental. A *Regra* insiste em três vertentes: trabalho, oração e descanso, sabiamente regulados pela obediência. Na oração, peculiar empenho se dá à recitação do ofício divino. No tocante ao trabalho, privilegia-se o manual que, sendo próprio dos escravos, alimenta o espírito de pobreza. Quanto à obediência, o abade é considerado verdadeiro pai, os monges sentidos como verdadeiros irmãos.

A partir do século VI, a regra beneditina espalha-se por todos os conventos ocidentais. E se é verdade que as invasões dos povos ditos bárbaros provocaram a destruição de muitos conventos, não é menos verdade que, incidentalmente, provocaram também uma maior propagação da regra beneditina por toda a Europa. Pode-se dizer que os limites do mosteiro beneditino e seu progresso se confundem com os da Igreja romana. A Igreja chega a ser monástica e o monacato europeu é beneditino. Bento será o patrono da Europa.

Importa acrescentar que a recristianização da Europa, após retrocesso com as referidas invasões bárbaras, se deve, em grande parte, ao labor beneditino.

3. Novas acomodações, novos impulsos

Surgido com reacção à frivolidade pós-constantiniana, o monaquismo volta a cair na mesma tentação em plena Idade Média. Os mosteiros haviam-se tornado potências económicas, mercê do trabalho voluntarioso dos monges, também das doações de terras e bens por parte de ricos piedosos.

Num tempo em que a riqueza é a terra, os mosteiros ampliam os seus domínios e vão acrescentando terras às terras.

Tornam-se, além disso, centros de cultura, escolas-modelo, hospitais-modelo, centros de expansão missionária, asilos de paz e refúgios seguros, também focos de influência religiosa, social e política.

Com o andar do tempo, a oração transforma-se em culto sumptuoso; o trabalho manual é abandonado nas mãos dos servos; encurtam-se as distâncias entre a vida monástica e a sociedade. Do primitivo protesto profético pouco resta. O mosteiro torna-se símbolo de segurança, de poder, de riqueza. Voltamos a estar longe da radicalidade evangélica e carismática do monacato primitivo.

É então que despontam tentativas de retorno às origens, ao carisma primitivo, ao deserto, à limpidez de observância da *Regra*.

Recordemos duas dessas tentativas, entre os séculos X e XI.

No século X é iniciada em Cluny, sob o patrocínio de ilustres abades desse mosteiro (Bernão ou Berno, Odo, Olidão, Hugo, Pedro o Venerável...), uma tentativa de retorno à regra beneditina, isto é, à observância dos votos, ao estudo, à oração e ao trabalho manual.

A importância desta reforma ultrapassará a vida monástica e estender-se-á a toda a Igreja. Um dos monges de Cluny, o Papa Gregório VII, lutará pela liberdade da Igreja contra as investidas dos príncipes leigos.

No século XI, a partir de Cluny, surgirá uma nova reforma, protagonizada por «três monges rebeldes», a saber, Roberto de Molesme, Estêvão Harding e Alberico. A estes monges se deve a fundação de Cister, que conhecerá notável impulso quando para lá se transfere S. Bernardo de Claraval.

Nascido em 1090, este jovem borgonhês, que aos 22 anos entrara em Cister, colheria para jóia da sua coroa a fundação do mosteiro de Claraval, do qual seria abade durante 38 anos. Mas haveria de fundar mais 68 mosteiros, espalhados por toda a Europa.

4. As ordens mendicantes

O século XIII é marcado pela transferência das populações dos campos para as cidades. Intensifica-se o comércio, passando este a ser uma das novas fontes de riqueza dos habitantes dos burgos, que passarão a chamar-se burguesia. Surge o dinheiro como veículo de poder. Os comerciantes ricos oprimem os cidadãos pobres. Nas periferias das cidades vão surgindo franjas de pobreza...

Então o Espírito volta a abanar a Igreja, que parece não querer ou tardar a aperceber-se da nova realidade sócio-económico-geográfica. Despontam as ordens mendicantes: os carmelitas, os eremitas de S.to Agostinho, os Servitas, os franciscanos e os dominicanos.

Francisco de Assis é exactamente filho de um comerciante – Pedro Bernardone. Cristo fala-lhe na Igreja de S. Damião (ano 1207), que Francisco haveria de reconstruir, vivendo aí eremiticamente. Em seguida, lança-se na pregação evangélica e junta a si um grupo de irmãos, sugestivamente chamados «frades menores», em notória provocação aos ricos e poderosos do tempo. A nova fraternidade terá a aprovação do Papa Inocêncio III. Francisco viaja em

trabalhos missionários, volta a uma vida de solidão, recebe as chagas que o configuram ao Crucificado, volta a Assis, doente e quase cego, depois de ter composto o Cântico às Criaturas, ao irmão sol, à irmã água, à irmã morte. Vive da mendicância. Junto dos pobres. Acompanha evangelicamente o povo que agora se concentra na urbe. Convence-se de que somente a partir de baixo, em fraternidade, sem violência, se pode ir construindo uma nova humanidade, mais humana e evangélica. Os seus conventos estão nos bairros marginais e populares, na periferia da sociedade.

Diferente é o carisma de Domingos de Gusmão, castelhano da Diocese de Osma. Respira, desde a sua juventude, um ambiente clerical. Cónego de Osma, vive em comum desde 1199, segundo a regra agustiniana. Em 1206 está em Montpellier e contacta com os hereges albigenses, que recusam a verdadeira doutrina desculpando-se com o mau exemplo do clero. Domingos percebe que a pregação evangélica implica uma vida também evangélica. A Ordem dos Pregadores nascerá desta preocupação. Em 1215, Domingos funda em Tolosa a primeira comunidade, nos arredores da cidade. O carisma dominicano está orientado para o ministério da palavra. Mas o anúncio exige estudo e contemplação. É uma ordem docente, universitária, apostólica e missionária. S. Tomás de Aquino personifica bem esta nova presença evangélica no mundo da universidade.

Uma palavra ainda sobre os carmelitas, fundados por um cruzado da Calábria, chamado Bertoldo, o qual, em 1156, cumprindo um voto, retira-se com alguns companheiros para o monte Carmelo. Em 1209, Brocardo, sucessor de Bertoldo, alcança do patriarca de Jerusalém uma regra severíssima aprovada em 1224 pelo Papa Honório III, a qual prescrevia abstinência perpétua e a habitação em celas separadas. Perdida a Terra Santa, o Papa Inocêncio IV estabeleceu aqueles solitários na Europa com o nome de «Irmãos da Ordem da Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo». Em 1245, passaram à categoria de ordem mendicante. Embora o fim principal da Ordem Carmelita seja a contemplação, à qual o ramo feminino se dedica exclusivamente, os carmelitas nunca desprezaram o culto das ciências e a direcção das almas, até entre os infiéis. De entre os carmelitas, com frequência se recordam, na teologia mística, S. João da Cruz e Santa Teresa de Jesus. O primeiro superior que tiveram no Ocidente foi S. Simão Stock.

Que dizer como corolário?! – Os mendicantes respondem a várias necessidades do tempo: evangelizar as cidades; cuidar dos pobres que nelas pululam; manter a presença do Evangelho no bulício das grandes concentrações; criar uma fraternidade num mundo minado por avarizas e opressões; criar um espaço de meditação e de relva por entre aglomerados habitacionais; não permitir o afastamento entre a ciência e a fé.

5. O começo de outra nova era

O século XVI marca outro giro no mundo ocidental europeu. Descobre-se a América, a bússola, a imprensa. Avança a medicina. O Renascimento redescobre a antiguidade e a bondade do homem, livre, utópico, crítico, cheio de potencialidades, bom em si mesmo. Uma autêntica revolução copernicana...

A Igreja respira o que no mundo se passa. Deixando-se mundanizar. Fica, por isso, a precisar de reforma. Uma reforma que Lutero e seus sequazes não deixam de propor, até chegarem à ruptura. Uma reforma que a própria Igreja sente necessidade de operar.

Não admira que as antigas ordens, neste período, se remodelem. Só que isso não parecia ainda suficiente, face às necessidades dos novos tempos.

Surgem então novas congregações. Algumas com fins específicos muito concretos (a cura de doentes, como os hospitalários de S. João de Deus), outras agrupando sacerdotes que trabalham em diversos campos mas vivem em comunidade (Oratório de S. Filipe de Neri). As congregações mais características desta época, porém, são as que agrupam clérigos regulares: teatinos, barnabitas, escolápios, camilianos e jesuítas.

Uma palavra apenas sobre estes últimos.

Os jesuítas têm como fundador S.to Inácio de Loyola. Nascido em 1491, segue primeiro a carreira militar. Ferido no cerco de Pamplona, decide-se por seguir a Cristo. Retira-se para Manresa, onde vive uma experiência espiritual, cujo núcleo viria a constituir o livro dos Exercícios Espirituais. Estuda Teologia em Paris, onde lança os alicerces da Companhia de Jesus. É ordenado sacerdote em Veneza, no ano de 1537. Nesse mesmo ano parte para Roma, vindo a ser eleito Superior Geral da Companhia em 1541. Ao tomar conhecimento da existência dos jesuítas, o nosso monarca D. João III pensa usar-lhes os préstimos. Nasce assim em Portugal a primeira Província da Companhia. Os jesuítas, devotados essencialmente ao ensino, espalham-se por Lisboa, Coimbra, Évora... As suas casas preparam igualmente gente para a evangelização *ad extra*, nas Índias orientais, nas novas fronteiras da Igreja.

Mais uma vez as ordens religiosas respondem a necessidades do tempo em que surgem. Num tempo em que o Papa e a doutrina se contestam – lembremos a reforma protestante – aparece uma Congregação que até faz voto de obediência ao Papa. No terreno científico em forte desenvolvimento, a Igreja acaba por ter quem marque presença. Nos territórios de recente conquista, o Evangelho continua a encontrar quem o anuncie.

Uma referência à feminilidade na vida religiosa.

«Embora desde o começo da vida religiosa o número de mulheres consagradas tenha sido sempre maior do que o do homens, estruturalmente, contudo, a vida religiosa feminina depende da masculina. As fundadoras ou procuram um co-fundador para apoiar as suas iniciativas, ou elas mesmas secundam

as iniciativas de um fundador. Isto não se deve à pouca personalidade das mulheres, mas às circunstâncias sociais e eclesiais do tempo, que não permitem outra forma de agir.

Mas há casos extraordinários de mulheres realmente excepcionais que, desafiando a sua época, se lançaram a iniciativas realmente revolucionárias para o seu tempo».

Por entre elas, mencione-se, ainda que de passagem, Angela de Mérici, que em 1530 funda as Ursulinas, devotadas à educação das jovens.

Sufocada pelo absolutismo, e damos agora um salto para os séculos XVII e XVIII, a Igreja vai encontrando caminhos de vitalidade através de três estilos ou formas diferentes de vida religiosa, os quais sinteticamente assim se enunciam: as sociedades ou companhias de sacerdotes de vida comum (casos do Oratório de S. Filipe de Neri, dos lazaristas ou vicentinos de Vicente de Paulo, dos sulpicianos, dos euditas de João Eudes...); as congregações leigas, que atingirão o apogeu no século seguinte (ex.: as dos irmãos das escolas católicas de João Baptista de La Salle; as congregações clericais (como os passionistas de Paulo da Cruz e os redentoristas de Afonso de Liguório).

6. Na contemporaneidade

Entretanto, a finais do século XVIII, a vida religiosa conhece imensas adversidades provindas do exterior: os sucessivos ataques à Companhia de Jesus, que levarão à sua supressão; a Revolução Francesa e suas sequelas (onde chegam os furores da revolução a vida religiosa é extinta, salvo excepções em algumas ordens dedicadas aos doentes nos hospitais ou ao ensino); o anticlericalismo dos governos e até do próprio povo; o triunfo do espírito liberal, que se traduz numa crítica positiva à vida religiosa e leva a expulsões na Espanha, América Latina, Polónia, Lituânia, França, Suíça, Holanda, Alemanha...; os próprios governos católicos que digerem mal submissões à Santa Sé...

É curioso notar-se que nesta França secularizada, revolucionária, ilustrada e anticlerical, no decorrer do século XIX, se irá encontrar o principal centro de uma nova expansão religiosa, ou pela restauração de ordens antigas, ou pelo aparecimento de novas formas de vida religiosa.

Quanto a ordens que se restauram, Pio VIII, em 1814, restabelece a Companhia de Jesus. «Em 1833, Dom Guéranger restaura os beneditinos da França, a partir de Solesmes. Pouco depois são restabelecidas as congregações beneditinas da Alemanha e da Itália. Os cistercienses e os trapistas reorganizam-se. Os franciscanos restabelecem-se em três ramos: irmãos menores, conventuais e capuchinhos. Os dominicanos são também restaurados e aparecem com novo ímpeto, empreendendo trabalhos intelectuais, educativos e missi-

onários. Também a vida religiosa feminina tradicional se refaz com novo fervor».

Mas o mais típico do século XIX é o aparecimento de uma plêiade de novas congregações religiosas masculinas – quase uma centena – e femininas – mais de uma centena.

Por entre essa imensidão, citem-se os Maristas, os Salesianos, os Oblatos, de Maria Imaculada, a Sociedade do Verbo Divino...; também as religiosas da Sagrada Família, do Sagrado Coração, as Salesianas, novos ramos franciscanos, dominicanas, hospitaleiras...

Estas novas congregações caracterizam-se pelo seu espírito particularmente activo e especializam-se em diversos campos apostólicos: ensino de crianças e da juventude abandonada, missões populares na zona rural muito descristianizada, obras de caridade e de assistência (órfãos, idosos, doentes, abandonados) e missões estrangeiras na África, Ásia, Oceania e regiões da América Latina.

A atmosfera eclesial e religiosa da restauração perdurará pela primeira metade do século XX, o século da revolução russa, das grandes guerras europeias, igualmente dos grandes progressos técnicos e das grandes assimetrias sociais.

Entretanto, nessa primeira metade do século XX, duas formas de vida consagrada, de diferentes delineamentos, merecem referência especial.

A primeira inspira-se no carisma de Charles de Foucauld, esse aristocrata francês que depois de uma vida mundana se converte a Cristo e inicia uma vida de presença evangélica silenciosa, paciente e criativa no meio do mundo islâmico africano. No carisma de Foucauld inspiram-se-ão diversas fraternidades, voltadas para os mais pobres e para os não cristãos, dando testemunho de uma vida simples e solidária, iluminada pelo mistério de Nazaré.

A outra forma de vida consagrada são os chamados Institutos Seculares, aprovados no pontificado de Pio XII (constituição *Provida Mater Ecclesia* de 1947, motu proprio *Primo feliciter* de 1948 e instrução *Cum Sanctissimus*). O carisma é o de viver os conselhos evangélicos no meio do mundo, utilizando os meios seculares tanto para santificação pessoal como para o apostolado. Dito doutra forma: num mundo secularizado, os seculares pretendem evangelizar o mundo.

7. Do Concílio Vaticano II aos nossos dias

O Concílio Vaticano II ocupou-se da vida religiosa mais e melhor que qualquer outro Concílio. E fê-lo em vários documentos, ainda que especialmente no cap. VI da *Gaudium et Spes* e no decreto *Perfectae Caritatis*. A propósito da *Gaudium et Spes*, refira-se que pela primeira vez na história, a vida religiosa é assunto numa Constituição Dogmática sobre a Igreja.

Quanto ao *Perfectae Caritatis* (cfr nº 2), pede aos religiosos uma revisão da sua própria identidade de acordo com os seguintes princípios:

a) Retorno ao Evangelho: este deve ser a norma e regra suprema de toda a vida cristã e também da vida religiosa. Toda a vida religiosa deve brotar do apelo do Senhor em segui-Lo;

b) Regresso ao carisma dos fundadores: quer dizer, às origens carismáticas, talvez esbatidas no decorrer dos tempos;

c) Abertura aos movimentos renovadores da Igreja de hoje, tenham eles acentuação bíblica, litúrgica, dogmática, pastoral, ecuménica, missionária ou social;

d) Abertura aos sinais dos tempos: o conhecimento das circunstâncias históricas e eclesiais ajuda em horas de discernimento;

e) Renovação espiritual: sem ela as outras reformas seriam puramente exteriores ou meramente intelectuais.

Ainda sobre a *Perfectae Caritatis* permita-se-nos uma ulterior consideração: esse documento é um autêntico desafio, já que pela primeira vez na história não se ditam normas pormenorizadas a partir do alto, antes se deixa a tarefa da renovação à livre iniciativa de cada instituto religioso. Prevê-se que cada instituto realize um capítulo geral no prazo de três anos, seguindo-se depois um tempo de experiência, para aferição da positividade ou menos das mudanças.

Depois do Concílio Vaticano II, quantos documentos sobre a vida religiosa – testemunhos eloquentes da importância que a Igreja lhe atribui. Citando apenas os mais significativos, recordemos a exortação apostólica *Evangelica Testificatio* de Paulo VI sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do Vaticano II (1971); a *Mutuae Relationes* das Congregações dos bispos e de religiosos e institutos seculares sobre os critérios de relacionamento entre bispos e religiosos na Igreja (1978); os documentos da Sagrada Congregação dos Religiosos sobre *Religiosos e Promoção Humana* e *A dimensão contemplativa da vida religiosa* (1981).

Da congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica saíram os documentos *Vida Fraterna em Comunidade* (ano 1994) e a *Instrução sobre a Vida Contemplativa e Clausura das Monjas* (ano de 1999).

Junte-se a encíclica de João Paulo II *Redemptoris Donum*, no ano santo da redenção de 1983. E também a exortação apostólica *Vita Consecrata*, de 1996, dirigida, entre outros, às ordens religiosas, às sociedades de vida apostólica e aos institutos seculares.

Ao lado destas orientações de tipo mais doutrinal e pastoral, existem ainda as orientações disciplinares e canónicas, como as referentes à clausura feminina das contemplativas (cfr *Venite Seorsum*, de 1969) e o novo *Código de Direito Canónico*, que contém normas sobre a formação, noviciado, exclausuração, dispensa de votos, etc.

Para além dos documentos, no pós Vaticano II temos assistido ao desenvolvimento da teologia sobre a vida religiosa: Lucas Gutiérrez publica a sua *Teología sistemática de la vida religiosa*; Jyce Didick publica *Os votos. Um tesouro em vasos de argila*; Xabier Pikaza publica o *Tratado de Vida Religiosa...*

Alegramo-nos igualmente com o aparecimento de um *Instituto Teológico de Vida Religiosa*, sediado em Madrid, integrado na Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia de Salamanca; e sabemos da existência de um outro, em Roma, filiado na Pontifícia Universidade Lateranense.

8. O novo rosto dos religiosos

Será ainda difícil e prematuro descrever-se o novo rosto da vida religiosa nestes tempos de pós-concílio Vaticano II. Mas já alguém o tentou fazer – Jesús Álvarez Gómez, no seu livro *Historia de la Vida Religiosa*. Segundo esse autor, são três os principais traços da actual vida religiosa:

1º) *Atenção à pessoa do religioso*. A primeira etapa da renovação religiosa pôs um acento especial nas pessoas dentro das comunidades. Era algo especialmente sentido, já que antes do Concílio era habitual sacrificarem-se as pessoas às obras ou às acções concretas.

Agora tende a considerar-se a liberdade pessoal, os carismas de cada um(a), a originalidade de cada pessoa, a autonomia, o diálogo com os responsáveis, a corresponsabilidade, a criatividade e iniciativa pessoal...

2º) *Atenção à fraternidade*. Coloca-se a ênfase na dimensão comunitária da vida religiosa. Uma vez redescobertas as pessoas, cultivam-se as relações interpessoais, num projecto de vida evangélica em que se dividem a fé, a vida e a missão apostólica.

3º) *Atenção à missão*. O terceiro estágio da renovação significou para os religiosos a re-descoberta do mundo, para o qual são enviados. Um mundo composto de subúrbios, de subdesenvolvimento, de pobres, de marginalizados, de doentes, de drogados, de prostitutas, de órfãos e idosos...

Além dos desafios do mundo, a vida religiosa conta hoje com um outro desafio: o das estatísticas. É que antes do Concílio as casas religiosas estavam cheias. Hoje a realidade é diversa. Sobretudo nos países dominados pela cultura europeia ocidental, tanto noviciados, como juniorados e escolasticados estão com minguagem de gente. À espera, certamente, que o Espírito volte a soprar, tal como sempre o foi fazendo ao longo da história dos homens, que é também a história de Deus no meio deles.

Concluindo

Depois de termos feito uma breve digressão pelo tempo, será agora altura de concluirmos, tirando desse mesmo tempo algumas lições.

E «a primeira lição da história é a origem carismática da V[ida] R[eligiosa], tanto em seus fundadores como em todo o desenrolar de sua vida na Igreja. Sem ninguém poder suspeitar ou prever, quando as circunstâncias socioeclesiais pareciam mais deprimidas e obscuras, o Senhor, com a força do Espírito, suscitou grupos de homens e de mulheres com uma missão peculiar na história da Igreja e do Reino».

A segunda lição será esta: existe uma estreita conexão entre os grandes ciclos da vida religiosa e as crises históricas.

Assim, quando o cristianismo esmorece, os seguidores de Jesus perdem o fulgor dos primeiros séculos, os privilégios acomodam a Igreja, a preguiça e o comodismo enfraquecem o Evangelho, surgem os padres do deserto, com propostas de vida evangélica séria, ao jeito anacorético, ou em moldes cenobíticos, em mosteiros ou em conventos, mais no silêncio e contemplação, ou mais em comunhão de vida.

Quando a Europa se descristianiza, sofrendo a invasão dos chamados povos bárbaros, os mosteiros beneditinos fornecem evangelizadores e tornam beneditina essa mesma Europa.

E a se a riqueza vai debilitando o vigor de iniciais carismas, ou as populações se vão transferindo dos campos para as cidades, então os mendicantes colocar-se-ão ao lado dos menores, vivendo num desprendimento que se traduz em mendicidade, pregando nas urbes, com o exemplo e com a palavra.

Invadida pelo fausto, pela pompa, pela principesca vida, pela licenciosidade de costumes, pelo abandono pastoral, a Igreja do Renascimento, velha de vícios, nova nas cristandades de recente formação, encontra ordens religiosas que lançam sangue novo no corpo envelhecido, e sementes de evangelho e esperança nas terras de recente conquista. Sem se colocar à margem do comboio da ciência, que agora rola a grande velocidade.

E quando, consequências da revolução francesa, o mundo se seculariza, se torna anti-clerical, ateu, indiferente, agnóstico, libertino, o Espírito responde com a reestruturação de antigas ordens religiosas e com a fundação de mais de duas centenas de ordens novas, entre masculinas e femininas.

E essas ordens aí estão, à procura de novos caminhos, à procura da sua identidade, à procura de Deus e dos homens que são d'Ele imagem e presença. Mas sempre em comunhão com Deus. E com forte espírito de missão.

Terceira lição: ainda que provocando o mundo, a vida religiosa tem o mundo no coração. Por isso nada nem ninguém lhe escapa: a saúde, a educação, a promoção social, a arte, as ciências, os desvalidos de qualquer espécie...

Desde as suas origens, a vida religiosa integrar o binómio fé e serviço fraterno, o amor ao Senhor e o amor ao irmão e considerou suspeita a atitude de quem por amor a Deus abandonasse o irmão.

Última lição: com frequência a vida religiosa surge à margem de poderes instituídos, sejam eles temporais ou espirituais. Este carácter de «marginalidade» dá-lhe valor profético e permite o emergir de modelos alternativos e utópicos de vivência humana e cristã. Com razão escrevia J. Sobrino:

«Os votos, por sua própria natureza, permitem e exigem que se realize a radicalidade do seguimento também nas regiões que não são as normais. Continuando a metáfora geográfica, poderíamos dizer que os votos permitem e exigem que o religioso esteja presente no deserto, na periferia e na fronteira. Por «deserto» entendemos que o religioso deve estar ali onde de facto não há ninguém, como foi, ao longo da história, o caso da presença dos religiosos em hospitais, escolas ou, modernamente, em paróquias não atendidas. Por «periferia» entendemos que o religioso deve estar não no centro do poder, mas ali onde não há poder e sim impotência. Por «fronteira» entendemos que o religioso deve estar ali onde antes de tudo é preciso experimentar, segundo a necessária imaginação e criatividade cristã, onde o risco é maior, onde é mais necessária a actividade profética para sacudir a inércia em que a Igreja em sua totalidade está se petrificando, ou para denunciar com mais energia o pecado».

Louvamos Deus pelas maravilhas que na história vem realizando, por intermédio de quantos, impulsionados pelo Espírito, rentabilizando forças e carismas, se têm dedicado inteiramente a Deus e ao próximo.

Resta esperar que daqui a um século, outros possam louvar a Deus, pelo testemunho que vós, religiosos(as) de hoje, dais ao mundo!